

RECADO DE PARIS

Paris, setembro — Um poeta morreu tuberculoso há 50 anos atrás. Morreu no dia 18 de agosto, tinha 42 anos de idade, chamava-se Albert Samain. Não era um grande poeta. Fazia "versos louros" com os cabelos de Ofélia boiando náguas, "versos silenciosos, sem ritmo e sem trama" onde a rima devia deslizar como um ramo; impalpáveis como o som e a nuvem... Era um poeta. E ler suas coisas suaves é bom neste começo quase frio do outono de Paris.

* * *

Jacques Laprade escreve em "Ats" sobre Flaubert e Balzac: "Ao passo que Barbey d'Aureville continuava, exagerando-os, os tics e os efeitos de voz do autor da "Comédia Humana", Flaubert aprendeu talvez, com Balzac, como não se devia escrever".

Cita uma passagem de Proust (em ensaio recentemente divulgado pela revista "La Table Rond") dizendo mais ou menos a mesma coisa e terminando assim: "Amamos os outros romancistas submetendo-nos a eles; recebemos uma verdade de Tolstoi como de alguém maior e mais forte que nós mesmos. De Balzac sabemos todas as vulgaridades; às vezes elas nos desgostam de saída, mas, depois que o começamos a amar, então sorrimos a todas essas ingenuidades que são tão êle, mesmo, e o amamos com um pouco de ironia misturada a ternura. Conhecemos seus caprichos, suas pequenezas, e as amamos porque o caracterizam muito fortemente".

* * *

Julien Benda, que continua publicando, regularmente em "La Nef" suas "Mémoires d'Infra-Tombe", conta que uma vez De-gas visitou uma exposição, e, passando diante dos quadros, foi distribuindo profusamente exclamações como "esplêndido! prodigioso! muito interessante! genial!" até que parou diante de um certo quadro, olhou-o longamente e disse apenas: "é bom".

R. B.

14.7.50

284